

FUTEBOL, MUNDIALIZAÇÃO E IDENTIDADES: NOTAS A PARTIR DA EUROCOPA DE 2008

FOOTBALL, GLOBALIZATION AND IDENTITIES: NOTES FROM 2008 EURO CUP

Emerson Luís Velozo*
Jocimar Daolio**

RESUMO

Este estudo teve como objetivo discutir determinados processos de significação que afetam o futebol a partir do advento de sua mundialização, o que produz implicações para as relações identitárias que envolvem este esporte. Para tanto, a Eurocopa de 2008 foi tomada como foco da análise, inspirada pelo olhar etnográfico e tendo como ponto de partida o contato com o povo português, bem como certos conteúdos divulgados pela mídia. Isso possibilitou a compreensão de determinados contornos assumidos pelo futebol – o que talvez possa ser estendido a outros esportes – como consequência de fenômenos como a globalização da tecnologia e da economia e a mundialização da cultura. Nesse contexto, o futebol mundializado, passa a ter os seus significados construídos e reconstruídos em diferentes escalas, da local/nacional à mundial/internacional.

Palavras-chave: esporte; futebol; mundialização; identidade.

ABSTRACT

This study aimed to discuss certain meaning processes that affect football since the advent of its globalization, which produces implications for identity relationships that involve this sport. Therefore, 2008 EuroCup was taken as the focus of analysis, inspired by ethnographic view and taking as a starting point the contact with Portuguese people, as well as certain information propagate by media. This allowed us to understand certain contours assumed by football - which might be extended to other sports - as a result of phenomena such as globalization of technology, economy and culture. In this context, globalized football starts to exhibit its meanings constructed and reconstructed at different scales, from local / national to global / international.

Keywords: sports; football; globalization; identity.

* Doutor em Educação Física pela UNICAMP, Professor do Departamento de Educação Física da UNICENTRO e participante do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (GEPEFIC).

** Doutor em Educação Física pela UNICAMP, Professor da Faculdade de Educação Física da UNICAMP e participante do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (GEPEFIC).

INTRODUÇÃO

O futebol atingiu um nível de globalização e mundialização muito mais abrangente do que qualquer outro tipo de prática corporal, de maneira que é possível arriscar alguns exemplos para ilustrar esta questão. Este esporte ocupa posição privilegiada no espaço midiático. Vários programas esportivos dedicam a maior parte do tempo que dispõem na mídia televisiva com temas relacionados ao futebol, sem falar que, no Brasil, ele é uma das poucas modalidades esportivas com horários semanais exclusivos para a transmissão dos jogos nas redes de televisão aberta. Em Portugal isso não é diferente e, além disso, nos três importantes jornais esportivos impressos, “A Bola”, “*Record*” (de Lisboa) e “O Jogo” (do Porto), quase a totalidade das notícias são sobre o futebol. Não é preciso se esforçar muito para demonstrar o lugar de destaque que o futebol assume nos meios de comunicação da atualidade. Isso pode nos fazer imaginar a soma de capital envolvido na veiculação e na comercialização desta prática corporal. Mas, neste momento, não são os aspectos financeiros e econômicos que interessam, mas os aspectos simbólicos que envolvem esta prática mundializada.

Este texto discute certos significados do futebol, a partir da exposição de fatos relativos ao Campeonato Europeu de Futebol (EUROCOPA) de 2008¹. O Campeonato Europeu de Futebol, também conhecido como Eurocopa, ocorre a cada quatro anos e é a principal competição entre seleções da Europa. Ele é disputado pelas seleções de países pertencentes à *Union of European Football Association* (UEFA), instituição que controla o futebol europeu, semelhante à *Confederación Sudamericana de Fútbol*, que comanda este esporte na América do Sul. A Eurocopa é, portanto, uma competição similar à Copa América, que acontece no continente sul-americano.

A análise da Eurocopa de 2008, a partir de um olhar a um passado não muito distante, representa uma tentativa de compreensão de importantes aspectos relacionados à construção das identidades culturais numa época em que se exacerba o processo de globalização e de mundialização da cultura esportiva. É importante definir o que se entende por este conceito:

Quando se fala de economia global tem-se em mente uma única estrutura marcando as trocas comerciais em todo o planeta. Os economistas podem inclusive medir a dinâmica dessa ordem globalizada utilizando um conjunto de indicadores: trocas e investimentos internacionais. O mesmo pode ser dito em relação à esfera tecnológica: ela é marcada pela unicidade das técnicas (computadores, satélites, energia nuclear etc.). Mas teria sentido pensarmos a dimensão cultural da mesma maneira? Existiria “uma cultura global” ou “uma identidade global”? Certamente que não (Ortiz, 1994, 2006b). Por isso prefiro diferenciar entre os termos globalização e mundialização. O primeiro aplica-se bem à realidade técnica e econômica, o segundo adapta-se melhor ao universo da cultura. (ORTIZ, 2007, p.11).

A apropriação do termo “mundialização”, ao longo do texto, deve-se, portanto, à sua maior afinidade com os processos de trocas globais/mundiais dos produtos culturais. Mesmo assim, se reconhece que os elementos culturais também articulam-se com os processos técnicos e econômicos, ou seja, não conseguem deles escapar.

Numa época dominada pela globalização da técnica (SANTOS, 1994) e da economia (IANNI 1994, 2000, 2008) e pela mundialização da cultura (ORTIZ 1994; 1999), o Campeonato Europeu de Futebol se torna espaço privilegiado para a análise das relações identitárias que envolvem as práticas corporais.

Nesse contexto, questões como as das identidades nacionais, da mundialização da cultura do futebol, da nação, da mundialização e da desterritorialização das identidades são fatores que se materializam no futebol e no referido Campeonato Europeu. Não há, no entanto, um esgotamento do tema em questão, mas o encadeamento de algumas situações que podem contribuir para a compreensão dessas relações identitárias.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Os dados apresentados neste estudo foram obtidos por meio de observações inspiradas etnograficamente a partir do contato com o povo português no período em que se realizou a “Euro 2008”, e com informações divulgadas pela mídia na época do evento. Isso possibilitou o contato com uma riqueza de fatos que proporcionaram as interpretações aqui

¹ A Eurocopa de 2008, realizada na Áustria e na Suíça entre os dias 7 e 29 de junho de 2008, contou com a participação de 16 seleções e teve como campeã a equipe espanhola, que venceu a final disputada contra a Alemanha.

apresentadas. As reflexões possuem como ponto de partida as observações realizadas na cidade de Lisboa, sobre os sentidos atribuídos à Eurocopa pelos adeptos ao futebol, o que nos permitiu a produção de interpretações etnográficas inspiradas por duas importantes referências teóricas: a) a influência da antropologia interpretativa de Clifford Geertz (1989) como busca da compreensão sobre “hierarquia estratificada de estruturas significantes” de determinada sociedade. O pensamento do autor, fundamentado em bases semióticas e hermenêuticas, permite a compreensão do fenômeno estudado a partir da interpretação da dinâmica de significação em que está inserido, pois a cultura é entendida justamente como uma rede de significados; b) a postura teórico-metodológica inspirada nos escritos de Marc Augé (1997; 2004) descrita como “antropologia dos mundos contemporâneos”, que possui como interesse principal, não aquilo que é definido pela “antropologia clássica” como o “lugar antropológico”, mas a cultura relacionada com aquilo que o autor chama de “não lugares”, característica marcante da sociedade contemporânea. Assim, a cultura na contemporaneidade pode ser compreendida a partir de diferentes escalas – local, nacional, global – nas quais os significados são difundidos, se constituindo como referentes para novas significações.

Buscou-se, portanto, interpretar os sentidos atribuídos ao futebol a partir de categorias teóricas que se dedicam a explicar a contemporaneidade. Além da observação da cultura cotidiana relacionada ao futebol o estudo contou com a análise de material midiático relacionado ao tema da pesquisa. Especificamente foram analisados conteúdos de mídia dos seguintes sites: UEFA EURO, GLOBOESPORTE, COMEMBOL, FIFA. A adoção deste tipo de procedimento deve-se à opção de se preservar aquilo que dispúnhamos de mais profícuo em termos de fontes para o estudo.

I – CAMPEONATOS CONTINENTAIS E MUNDIAIS DE FUTEBOL E OS VÍNCULOS IDENTITÁRIOS

A Eurocopa é uma competição que se caracteriza como o segundo principal campeonato que uma seleção europeia pode participar, ficando atrás apenas da Copa do Mundo de Futebol. Apesar de a Eurocopa se constituir como um campeonato equivalente à Copa América, a importância dada por Portugal e pelo Brasil

aos seus respectivos campeonatos continentais possui diferenças bastante significativas. Se no Brasil a Copa América pode ser considerada como uma competição cuja conquista do título tem alguma importância para os jogadores e torcedores, mas que está extremamente distante de se comparar com o significado da conquista de um título mundial, em Portugal o sentido que a conquista de um campeonato continental possui é, em certos aspectos, muito diferente, haja vista que em 2008 a seleção daquele país não possuía nenhum título europeu².

No entanto, quando se compara as especificidades de cada uma dessas competições continentais e o *status* de que gozam as seleções portuguesa e brasileira em nível mundial, é possível perceber melhor certas diferenças. No contexto do Campeonato Europeu há seleções de forte expressão no futebol mundial como Itália, Alemanha, França, Inglaterra e Espanha³, sendo que todas elas já conquistaram o título de campeã do mundo. Há ainda, outras seleções como Holanda e a própria seleção portuguesa, entre outras, que apresentam um futebol reconhecido no cenário internacional. Não apenas os títulos, mas também as boas colocações nos campeonatos contribuem para elevar a referência das seleções no contexto do futebol mundial. Isso fornece certo reconhecimento e autoridade ao futebol europeu em competições mundiais e ajuda a fortalecer a imagem do campeonato de seleções daquele continente.

Na América do Sul, os títulos em Copas do Mundo estão divididos entre Brasil, Argentina e Uruguai que, em conjunto, somam 9 conquistas, duas a menos que as obtidas pelas seleções europeias nestas competições, as quais somam 11 títulos. No entanto, as demais seleções sul-americanas não possuem boas colocações em Copas do Mundo, com exceção do Chile, que conseguiu a terceira colocação jogando em casa em 1962. Nenhum outro continente teve alguma seleção vitoriosa em Copas do Mundo, fazendo com que Europa e América do Sul mantenham a supremacia nestas competições e um rigoroso equilíbrio no número de títulos.

O prestígio dos jogadores brasileiros e a autoridade que eles exercem como símbolos do bom futebol devem-se, em grande parte, à tradição construída pelo

² O título de Campeão Europeu veio a ser conquistado em 2016.

³ Na época da Eurocopa de 2008 a Espanha ainda não possuía título mundial. Tal conquista aconteceu na Copa da África do Sul, em 2010.

Brasil no contexto desse esporte. Não é por acaso que o futebol brasileiro já foi considerado, por várias vezes, como “o melhor do mundo”, mas isso ocorre pelo fato de a seleção brasileira ter se consolidado na competição mais significativa do futebol mundial, as Copas do Mundo. Édison Gastaldo (2006) observou muito bem que o Brasil passou a ocupar uma posição isolada na liderança do futebol mundial após a vitória contra a Alemanha na final da Copa do Mundo de 2002. Caso tivesse perdido, a hegemonia seria dividida com a Alemanha e com a Itália⁴. Esse fato chama a atenção para a importância que a Copa do Mundo possui na exaltação das identidades nacionais. No Brasil, e talvez de modo semelhante em outros países, a Copa do Mundo de Futebol assume um significado singular se comparada com competições de outras modalidades esportivas em nível mundial. Há toda uma reorganização nos horários e itinerários das pessoas e das instituições em virtude da transmissão dos jogos, fato que não é observado em relação a nenhum outro esporte. Neste sentido, Simoni Lahud Guedes (2006, p.74) afirma que “as Copas do Mundo constituem-se, para os brasileiros, em verdadeiros rituais nacionais, ocasiões em que se celebra a brasilidade, construção simbólica da unidade nacional, ‘suspendendo-se’, de certo modo, as diferenças e desigualdades que permeiam a estrutura social”.

A tradição do futebol brasileiro, fruto dos seus títulos mundiais e continentais, é um aspecto que confere autoridade aos jogadores deste país, que há décadas são contratados para atuar em equipes estrangeiras. Um dado interessante é que as Copas do Mundo possuem maior eficácia em legitimar a autoridade dos países no que diz respeito ao futebol do que outros tipos de campeonatos internacionais ou mundiais de futebol. Por exemplo, até o ano de 2016 os times argentinos possuíam, em conjunto, a grande maioria dos títulos de campeão da “Taça Libertadores da América”, principal campeonato sul-americano de futebol, pois venceram a competição 24 vezes, sendo que os times brasileiros ficam na segunda posição, com 17 títulos. Além disso, as equipes argentinas possuem o maior número de títulos mundiais de clubes de futebol⁵. Apesar do grande êxito das equipes

argentinas em competições internacionais de clubes, o efeito destas vitórias para legitimar a nação argentina como potência do futebol mundial não é o mesmo quando comparado com o efeito das conquistas obtidas pela sua seleção nacional. A seleção argentina, detentora de dois títulos mundiais, se iguala ao Uruguai, e se coloca, no cenário mundial, atrás de Brasil, Alemanha e Itália.

A Copa do Mundo de Futebol, mais que qualquer outro campeonato mundial, tem a capacidade de “reanimar” o vínculo de pertencimento do sujeito à sua nação, uma vez que os clubes não conseguem realizar de forma satisfatória este movimento, reforçando aquilo que Benedict Anderson (1991) chamou de Nação como uma “comunidade imaginada”. Nos campeonatos de clubes, ao contrário, os adeptos do futebol, em certos casos, torcem contra os times do seu próprio país em competições internacionais, quando estes são rivais dos seus “times do coração”. Isso mostra a veracidade das palavras de Gastaldo (2006, p.93) quando afirma que “Em uma Copa do Mundo, os participantes não são meros times de futebol, mas ‘seleções nacionais’, uma espécie de ‘encarnação simbólica’ de cada nação participante do evento”. Estas questões permitem compreender que parte da eficácia simbólica e do prestígio que o futebol brasileiro possui pode ser atribuída à sua tradição de conquistas de Copas do Mundo. Como sabemos, os jogadores que são convocados para disputar uma Copa do Mundo pelo seu país tendem a ser valorizados, tanto do ponto de vista financeiro quanto simbólico e a conquista de um desses campeonatos significa uma espécie de “coroamento” do atleta na hierarquia do futebol.

Mas o que mais chama a atenção nesta breve comparação entre o futebol europeu e o sul-americano diz respeito à posição ocupada pelo Brasil e por Portugal nesta hierarquia simbólica herdada das participações em Copas do Mundo. Enquanto o Brasil acumulou cinco títulos de campeão, dois vice-campeonatos, duas terceiras colocações e ficou uma vez em quarto colocado, sendo o país que mais vezes foi campeão do mundo, Portugal possui apenas uma terceira e uma quarta colocações. Com isso, Brasil e Portugal ocupam posições bastante distintas no cenário do futebol mundial, de maneira que os significados atribuídos a cada uma dessas equipes também serão diferentes. Assim, o termo “O Brasil é o país do futebol”, que aparece com frequência no senso comum brasileiro,

⁴ Atualmente o Brasil possui 5 títulos mundiais e a Alemanha e a Itália possuem 4 títulos cada.

⁵ Incluindo os campeonatos realizados ou não pela FIFA e realizados a partir de 1960.

pode ser visto com algum sentido: não o de denotar uma situação ontológica na qual no Brasil tudo estaria em função do futebol, mas em fazer emergir uma cena na qual a relação simbólica com este esporte seria realmente inconteste, pois o vínculo identitário construído com o futebol está suturado em episódios concretos de vitórias e conquistas nas competições mais representativas deste contexto esportivo. Neste sentido, simbolicamente o Brasil é o “país do futebol” e não Portugal, fato que coloca estes dois países em situações distintas quando o que está em pauta é a hegemonia do futebol mundial⁶, as expectativas sobre as possíveis vitórias e derrotas etc.

Ver a sua seleção de futebol ser campeã da Copa América não parece ser tão entusiasmante para o torcedor brasileiro quanto parece ser para o torcedor português, ao ver a sua seleção ganhar o título do Campeonato Europeu de Futebol. A relação entre a equipe e a competição que disputa tende a fornecer a medida da importância atribuída ao evento. De certa forma, isto se traduz pela relação distinta entre Brasil e Copa América e entre Portugal e Eurocopa. Em Portugal também há expectativa em relação à Copa do Mundo, mas como o país não é um referente forte nesta competição, a Eurocopa tende a se tornar um campeonato cuja probabilidade de se chegar ao título é muito maior. Pelo menos é isso o que se pode perceber nas conversas entre os portugueses. E isso pode ajudar na compreensão do entusiasmo português na Eurocopa de 2008⁷. Pode-se dizer que a euforia do povo na ocasião daqueles jogos assemelhou-se com aquilo que vemos no Brasil em tempos de Copa do Mundo. Em síntese, o Campeonato Europeu de Futebol parece possuir um prestígio maior que o campeonato continental sul-americano, o que se torna, para uma seleção como a portuguesa, que não possui tradição em títulos internacionais, um evento esportivo altamente atrativo, cuja expectativa de vitórias é amplamente alimentada pelos adeptos. Isso tudo fez com que o “clima” em Portugal fosse aquecido pela

Eurocopa, proporcionando a atualização da identidade nacional portuguesa pelo viés dos significados esportivos.

II – FUTEBOL MUNDIALIZADO E IDENTIDADES DESTERRITORIALIZADAS

O fato de ter sediado e tido uma excelente participação na Eurocopa de 2004, além da expectativa de que o bom desempenho voltasse a se repetir, fez com que Portugal fosse “contagiado” por um clima “Pró-Euro 2008”. A “Euro 2008” foi uma competição apreciada com muito ânimo pelos portugueses adeptos do futebol ou mesmo por aqueles que se interessam apenas pela seleção nacional.

Assim, a Euro 2008 foi um momento em que a identidade nacional portuguesa foi exaltada, pois eventos esportivos de nível internacional constituem-se como ocasiões importantes para a valorização das identidades nacionais. Os jogos da seleção em eventos internacionais são momentos em que todos os indivíduos que possuem algum grau de afinidade com o esporte reforçam o sentimento de pertencimento à nação. Nesta situação, a nação acaba se tornando um importante agente de atribuição de identidade ao seu povo. É importante compreender que os vínculos identitários na contemporaneidade não se constituem como “herança natural”, com a qual o indivíduo teria que conviver por toda a vida, como acontecia nas chamadas sociedades tradicionais⁸. Nascer brasileiro não nos prende eternamente ao Brasil, nascer português não prende mais nenhum indivíduo a Portugal. Entre todos os jogadores que participaram da “Euro 2008”, seis são de origem brasileira: Deco e Pepe, de Portugal; Kevin, da Alemanha; Marco Aurélio, da Turquia; Marcos Senna, da Espanha; e Roger, da Polônia. Todos estes jogadores são nascidos no Brasil e se naturalizaram em outros países. Nesse sentido, várias seleções tiveram em suas equipes jogadores com dupla-nacionalidade. A seleção portuguesa, além de ter os “brasileiros” Deco e Pepe, contou com a participação de Nani, originário do Cabo-Verde, Nuno,

⁶ Referimo-nos à hegemonia em relação aos campeonatos de seleções nacionais de futebol, pois neste tipo de competição o Brasil ocupa a primeira posição da lista, pelo menos em se tratando de Copas do Mundo. No que diz respeito aos campeonatos internacionais e mundiais de clubes este quadro sofre alterações.

⁷ Parte do entusiasmo do torcedor português com a Euro 2008 vinha da boa participação que a seleção portuguesa obteve no Campeonato Europeu de 2004, quando ficou na 2ª colocação. O título Campeão Europeu só veio a ser conquistado pela seleção portuguesa em 2016.

⁸ Gilles Lipovetsky (2004) afirma que a identidade como algo natural, herda-da, definitiva e intangível era uma característica das sociedades tradicionais. Na “supermodernidade”, época atual, a identidade está relacionada com as escolhas individuais, com o processo de reivindicação e apropriação por cada indivíduo.

de São Tomé e Príncipe, Bosingwa, do antigo Zaire e atual Congo, e Petit, da França. Este movimento de naturalização dos jogadores de futebol em outras nações, que tem se tornado bastante comum no meio esportivo em geral, reafirma a ideia de que os vínculos identitários na contemporaneidade passam pelo arbítrio do indivíduo, não se constituindo mais como um atributo exclusivamente herdado da nação em que se nasceu. Para estes jogadores, é provável que os referentes “futebol”, “seleção”, “dinheiro”, “sucesso”, tenham adquirido um significado mais mobilizador do que o referente “nação”, motivando-os a buscar em outras nacionalidades a chance de concretizar certos objetivos de vida oferecidos por aqueles primeiros tipos de referentes. Se o objetivo de vida é, por exemplo, participar de uma Copa do Mundo, a nacionalidade não se constitui mais como um obstáculo tão rígido, pois, se o jogador não consegue lugar na seleção do seu país, pode tentar defender as cores daquela seleção que o aceitar como um dos seus “filhos”. Nesse sentido, a imprensa oficial da “Euro 2008” estampa o “patriotismo” do jogador Pepe, da seleção portuguesa.

Durante a conferência de imprensa, o luso-brasileiro Pepe deixou ainda claro o seu empenho em honrar a camisola das “quinas” e que a motivação que o move dentro de campo é simples. “Estou bem onde estou, as pessoas tratam-me bem, sou feliz por aquilo que faço”, referiu o central do Real Madrid CF, reforçando: “Estou aqui por causa dos portugueses” (UEFA EURO, 2008a).

Este tipo de situação, em que o atleta possui dupla nacionalidade, pode gerar cenas interessantes como aquela em que o jogador tem como adversária a seleção do seu próprio país de origem. Caso Portugal tivesse enfrentado a França nesta edição da Eurocopa, o jogador Petit poderia enfrentar os seus compatriotas. Este foi o caso do jogador Lukas Podolski, da Alemanha, ao fazer os dois gols na vitória sobre a Polônia na estreia da “Euro 2008”. O primeiro gol de Podolski ainda contou com o passe de Ballack, outro jogador alemão nascido na Polônia. “É evidente que senti um misto de emoções”; “Nasci na Polónia e tenho lá família, por isso tenho fortes laços com o país”, revelou Podolski à imprensa que cobria o evento (UEFA EURO, 2008b). Após a vitória contra a seleção polonesa, Podolski foi excomungado pelo partido católico LPR (GLOBO ESPORTE, 2008). Já Miroslaw Orzechowski, um ex-ministro polonês, declarou que

a cidadania polonesa de jogadores que representaram outros países deveria ser retirada (GLOBO ESPORTE, 2008). Tornar-se-ia repetitivo citar outros casos de atletas que reivindicam outra nacionalidade com o objetivo de atuar em campeonatos internacionais ou mundiais de seleções. Também é preciso reconhecer que nem todos os jogadores que possuem dupla nacionalidade o fizeram exclusivamente com o mesmo objetivo, ou seja, jogar na seleção do país. Cada atleta possui uma história de vida e um percurso profissional específico, cujas peculiaridades extrapolam os objetivos deste estudo.

Cada um desses jogadores, que defendem em competições internacionais uma seleção que não é a de sua origem, acaba sendo aceito⁹ pela nova nação sem maiores problemas, o que mostra a passagem para um novo tipo de vínculo identitário, o qual não está mais atrelado fundamentalmente à territorialidade de uma nação, como acontecia com a de origem, mas com um referente essencialmente simbólico que é a seleção nacional de futebol. Isso pode ser dito porque, em alguns casos, o laço construído entre o atleta e a nova nação tem relação apenas com o esporte e com a seleção, deixando de lado outras esferas, como a vida no território nacional, a sua cultura etc., pois são casos em que o atleta se “filia” à nação apenas para participar de determinadas competições. O que passa a importar não é mais a nação a defender, mas o objetivo cumprido de se chegar a uma seleção e disputar competições internacionais, cujo melhor exemplo é a Copa do Mundo de Futebol. Isso ratifica a ideia de que o estado-nação não possui mais o monopólio da definição das identidades (ORTIZ, 1999).

III – VÍNCULOS DE IDENTIDADES: DO POLÍTICO AO HUMANITARISMO

Campeonatos internacionais de seleções como a Eurocopa acabam se transformando também em oportunidades para que o vínculo político de identidade se aproxime do esportivo. Chefes de Estado e representantes políticos dos países envolvidos nas disputas, ao se fazerem presentes nos locais das competições,

⁹Considerando que este processo ocorre no “mercado do futebol”, isso parece se constituir como uma expressão da globalização e mundialização próprias da sociedade capitalista, ou como afirma Ianni (2008, p. 55), “A rigor, a história do capitalismo pode ser vista como a história da mundialização, da globalização do mundo”. Isso tudo provoca um movimento de desenraizamento dos atores de suas sociedades nacionais, para ocupar papéis no cenário global.

reforçam a ideia de uma “unidade nacional”, na qual a esfera política garante o seu apoio à esfera esportiva¹⁰. Ao mesmo tempo em que a presença de tais personagens ao longo dos jogos pode acrescentar uma espécie de legitimidade política à competição, esses momentos veiculam a ideia de maior proximidade entre os representantes políticos e o povo da nação.

A realeza vai estar presente, na noite desta quinta-feira, no Ernst-Happel-Stadion, quando o príncipe da Coroa espanhola, Felipe, e a sua esposa Letizia se juntarem aos mais de 50,000 espectadores que vão assistir à segunda meia-final do UEFA EURO 2008™, entre Espanha e Rússia, apesar de se prever que a embaixada espanhola em Viena fique quase deserta (UEFA EURO, 2008c).

Na medida em que a competição se desenvolve e que os jogos vão se tornando cada vez mais importantes, como é o caso da final da “EURO 2008”, a ênfase da participação dos mais importantes representantes políticos dos países envolvidos parece aumentar.

Entre a lista de VIP's presentes no Ernst-Happel-Stadion vão estar, claro, personalidades das duas nações que disputam a final. A Espanha estará representada pelo Rei Juan Carlos e pela Rainha Sofia, bem como pelo primeiro-ministro Jose Luis Zapatero, enquanto o presidente alemão, Horst Köhler, e a chanceler Angela Merkel também vão marcar presença no estádio. “É um dia especial e a lista de convidados honorários é extraordinária”, disse o presidente da Federação Austríaca de Futebol, Friedrich Stickler (UEFA EURO, 2008d).

A “Euro 2008” também foi palco para a realização de iniciativas “politicamente corretas” e humanitárias relacionadas à questão ambiental, ao apoio à Cruz Vermelha, à luta contra o racismo, ao apoio aos portadores de deficiência. O site oficial da competição divulgou a notícia de que a “Euro 2008” cumpre a meta ambiental: “O chanceler austríaco, Alfred Gusenbauer, e o chanceler federal suíço, Samuel Schmid, anunciaram que o UEFA EURO 2008™ foi uma prova amiga do meio ambiente”. Esta conclusão está atrelada ao bom funcionamento dos meios de transporte público na Áustria e na Suíça, que teria diminuído significativamente o volume do tráfego

de automóveis particulares nestas cidades, mesmo durante a Eurocopa, com o aumento de turistas com necessidade de se locomover pela cidade.

Estive a analisar alguns dados e cheguei à conclusão que este foi um campeonato verde, pois 80 por cento das viagens de longa distância e 60 por cento das deslocações curtas foram realizadas em transportes públicos”, explicou Gusenbauer. “Criámos ofertas que se revelaram muito bem sucedidas, por isso este campeonato mostrou enorme preocupação com a vertente ecológica (UEFA EURO, 2008e).

“A estrela portuguesa Cristiano Ronaldo tem a noção que quando marca golos no UEFA EURO 2008™ está a ajudar uma causa humanitária” (UEFA EURO, 2008f). Esta frase estampou a notícia sobre o gol do jogador português na partida contra a República Tcheca no *site* da “Euro 2008”. Cristiano Ronaldo foi embaixador da campanha “Gols pela Cruz vermelha” na Eurocopa de 2008, empreitada que teve como objetivo arrecadar fundos para o auxílio às vítimas de minas terrestres no Afeganistão. Cada gol marcado renderia quatro mil euros para a campanha. Além dos gols marcados pelos jogadores, outra frente de arrecadação de donativos nesta campanha foi a possibilidade dada aos torcedores de comprar “gols virtuais” para a seleção preferida.

Outra campanha lançada na “Euro 2008” foi a “Unidos Contra o Racismo”, numa parceria da UEFA com a Rede Pan-Européia Contra o Racismo no Futebol (FARE) e com o Sindicato profissional dos jogadores de Futebol (FIFPro). A campanha adotou como estratégias o lançamento de uma propaganda de 30 segundos chamada “línguas diferentes, um só objetivo”; mensagens lidas pelo capitão de cada equipe antes do início da partida; distribuição de coletes coloridos para os adeptos, simbolizando a diversidade cultural; o logotipo da campanha estampado nas braçadeiras de capitão, nos bilhetes de ingresso, nos coletes dos jogadores reservas entre outros objetos e locais.

A Eurocopa de 2008 contou ainda com a campanha “Futebol para todos”, que se constituiu em disputas entre equipes formadas por atletas portadores de deficiências. Estas partidas eram realizadas antes do início de cada jogo das quartas de final da Eurocopa e possuíam dois tempos de sete minutos cada. A campanha foi organizada pela instituição que coordena o

¹⁰ Esse foi o caso da Eurocopa de 2008, mas obviamente, a relação entre o “político” e o “popular” nos eventos esportivos pode se desenhar de formas distintas, como foi o caso das manifestações contrárias ao Michel Temer na abertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016.

esporte adaptado na Suíça, a Plusport, e pela Federação Austríaca de desporto adaptado (ÖBSV).

O fato de a Eurocopa ser uma competição esportiva importante não apenas no continente europeu, mas também em todo o resto do mundo, dota este evento da capacidade de “pautar” certos debates que perpassam o contexto do futebol e que podem ter uma abrangência para além deste esporte. Questões relacionadas ao meio ambiente, Cruz Vermelha, racismo, e portadores de deficiências foram foco das campanhas acima citadas, e são bons exemplos de temas que estiveram na pauta da Eurocopa e que possivelmente estarão presentes em outros eventos esportivos e nas futuras edições deste mesmo torneio. Se as atitudes racistas serão diminuídas, se os portadores de deficiências terão mais projetos voltados para as suas necessidades, se a preocupação em não poluir o meio ambiente aumentará e se os mutilados pelas minas terrestres no Afeganistão terão uma vida melhor, tudo isso não sabemos. Mesmo assim, qualquer sujeito que esteja razoavelmente atento aos problemas ditos “universais” difundidos em nossa época, provavelmente construirá certa expectativa e esperança de que estas campanhas tenham alguma eficácia. Mas o que queremos chamar a atenção nisso tudo é que estes problemas não são “universais” em si mesmos, pois ocorre que eles adquirem um valor quase unânime porque são pautados por instituições detentoras de prestígio e se irradiam para todo planeta num movimento modernizador. Estes tipos de problemas sociais tendem a ser tornar novas grandes narrativas do mundo moderno (LIPOVETSKY, 2004; ORTIZ, 1999).

Os significados destes problemas e também das atitudes para resolvê-los extrapolam o contexto local do evento esportivo em questão, neste caso a Eurocopa, e difundem-se para todo o planeta pelo processo de mundialização. Tais significados não terão sentido apenas para o povo europeu, mas alcançarão uma escala mundial exercendo influência em toda a variedade de adeptos do futebol. Não serão apenas os suíços e austríacos, que sediaram o evento, e nem apenas os portugueses ou os espanhóis, que dele participaram, mas também, os africanos, os asiáticos, os sul-americanos, entre outros povos, os que compreenderão e compartilharão os significados destas campanhas. Isso pode ser explicado pela posição central

que a Europa¹¹ possui como referente cultural, o que faz com que as iniciativas que dela partem possuam grande visibilidade no plano mundial. Desta maneira os discursos produzidos no contexto europeu possuem facilidade para se expandir aos outros continentes, isto é, para todos os outros “cantos” do mundo.

IV- MUNDIALIZAÇÃO DE SIGNIFICADOS E GESTOS

Certos gestos realizados pelos jogadores de futebol podem constituir-se como atos altamente eficazes, não somente pela sua *performance* mecânica, mas principalmente pela sua disposição estética e pelos aspectos simbólicos que a envolvem. A tentativa de um drible arrojado, por mais que se tenha uma pequena possibilidade de êxito, tende a ser valorizada pelos espectadores, pois demonstra a criatividade, a audácia, a sagacidade do executante na realização do gesto, o que é bastante valorizado na tradição deste esporte. Ao contrário, um conjunto de gestos mais simples e sem muitas alegorias pode até se constituir como mais eficiente do ponto de vista dos resultados objetivos, mas, ao mesmo tempo, poderão ser considerados mais “mecânicos” e “frios”. Estes gestos que, para além da eficiência mecânica, conferem um componente de “magia” ao drible no futebol, são atos dotados de eficácia, no sentido conferido por Marcel Mauss (1974). É interessante perceber que este não é o tipo de gesto ensinado nas aulas de futebol, que por sua tradição moderna, privilegia o ensino da eficiência mecânica a partir do tratamento fragmentado da técnica. Ele é produto da imitação prestigiosa de gestos realizados por atores sociais dotados de prestígio, e é o seu êxito simbólico que lhe confere autoridade e que possibilita a sua transmissão.

Numa cultura mundializada, estes gestos eficazes, realizados por jogadores portadores de prestígio junto ao público, tendem a ser imitados pelos atores sociais que se identificam com o futebol. Qual menino que goste de futebol nunca tentou realizar um

¹¹ Octávio Ianni (2008), explica este processo de influência europeia sobre as demais nações a partir da noção de ocidentalização, como uma dinâmica que atua nos níveis social, econômico, político e cultural. Esta ocidentalização do mundo seria “Originária da Europa, e revigorada nos Estados Unidos, ela se expande pelos países e continentes, em surtos sucessivos, frequentemente contraditórios. Sintetiza-se em padrões e valores sócio-culturais, modos de vida, trabalho, formas de pensamento, possibilidade de imaginação” (IANNI, 2008, p.71).

drible igual ao do seu ídolo? A imitação dos gestos de jogadores famosos não parece ser algo recente e provavelmente remonta à própria história deste esporte. Desde o momento em que se constitui como prática espetacularizada, o futebol parece fornecer os gestos dos seus jogadores prestigiosos como referências para os demais praticantes (DAOLIO; VELOZO, 2008). Mas um fato interessante é que os gestos de determinado jogador não se tornam referência apenas para os praticantes e apreciadores que compartilham com ele a mesma nacionalidade. A identificação dos adeptos não ocorre somente com os jogadores do mesmo país, da mesma nação. A identidade não assume um caráter exclusivamente nacional. O prestígio dos jogadores, os seus gestos e os seus atos assumem uma dimensão que extrapola as fronteiras nacionais e tornam-se referentes mundiais.

Além dos gestos técnicos que tendem a ser imitados pelos adeptos do esporte, há outros tipos de gestos que também se tornam referentes eficazes e importantes para a construção de identidades. As comemorações dos jogadores no momento do gol, com movimentos, saltos, danças, enfim, gestos, são formas de comunicação dos atletas com a torcida.

Para ilustrar essa questão “abro parênteses” para mencionar o exemplo exposto por Maria Eduarda Guimarães, que cita como exemplo o caso do jogador Cafu, capitão da seleção brasileira de futebol na Copa da Alemanha em 2002, que, ao receber a taça de campeão, mostrou a segunda camisa que vestia, estampada com a frase “100% Jardim Irene”¹² (GUIMARÃES, 2005, p.83). Ainda segundo Guimarães, o gesto de mostrar uma segunda camiseta com mensagens ao público ficou conhecido depois que o jogador Romário do Flamengo, após marcar um gol pela Taça Guanabara, no final dos anos 1990, levantou a camisa e mostrou a segunda camiseta com a inscrição “*No war, peace in world*” (GUIMARÃES, 2005, p.84).

Um aspecto interessante no primeiro exemplo deve-se ao fato de que, de um ponto de vista global, o jogador Cafu é um referente desterritorializado. O seu vínculo identitário, para grande parte dos adeptos, não é com o Jardim Irene, local de suas origens, mas com a seleção brasileira de futebol, que representa uma sociedade nacional chamada Brasil, ou ainda, com o clube em que ele atuava na época. A despeito dessa

vinculação desenraizada, ele insistiu em demonstrar o seu vínculo identitário original ao exaltar o seu pertencimento ao Jardim Irene. Outro aspecto importante é o fato de que o gesto de transmitir mensagens utilizando camisetas é uma prática que se popularizou entre os jogadores de futebol, sendo que a cada jogo surgem novos exemplos. Isso tudo mostra que, por ocuparem uma posição central no cenário da cultura esportiva espetacularizada, os ídolos esportivos constituem-se como importantes referentes simbólicos para os adeptos do esporte.

Fechando os “parênteses” abertos anteriormente, e tomando novamente emprestado alguns pressupostos de Marcel Mauss, é possível afirmar que o prestígio e a eficácia que eles possuem permitem que os seus gestos e atitudes se transformem em códigos capazes de influenciar boa parte daqueles que se colocam sob a sua autoridade.

Com isso, é possível afirmar que o processo de “imitação” dos gestos portadores de “eficácia simbólica” desses atores, que na sociedade contemporânea se tornaram referentes globais, é um aspecto que deve ser levado em consideração na análise da mundialização da cultura de movimento. Essas trocas simbólicas em nível global geram consequências em cada local, conforme a maneira como os códigos são captados e interpretados por cada grupo social. No entanto, esta lógica não se faz presente apenas no âmbito do futebol ou do esporte de modo geral. Ela também diz respeito à cultura de movimento e a todas as práticas culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratando-se de um texto com a pretensão de ensaiar algumas reflexões sobre futebol, mundialização e identidades utilizando-se de notas obtidas a partir da Eurocopa de 2008, tomou-se a liberdade de adotar um estilo de redação um pouco mais livre, ora dialogando com os fatos advindo do Campeonato Europeu, ora articulando as ideias com fatos variados que, certamente, ultrapassam aquele contexto. Nesse sentido, processos como o de mundialização da cultura de movimento e, consequentemente, de construção de identidades puderam ser pensados a partir da Eurocopa de 2008.

Este tipo de competição continental pode assumir uma relatividade de valor de acordo com o ponto de vista de cada seleção, mas, ao mesmo tempo, foi

¹² O Jardim Irene é um bairro localizado na periferia da cidade de São Paulo.

possível perceber a centralidade da importância que o campeonato europeu, especificamente, possui se comparado com outros torneios equivalentes. Diferentes dos outros campeonatos continentais de seleções, o europeu reúne equipes com muita tradição no futebol, o que o dota de grande prestígio. Com isso ele acaba, também, tornando-se palco para a propagação de referentes que, por influência da centralidade e do prestígio do lugar de onde são enunciados, adquirem imensa eficácia. É o caso das campanhas contra o racismo, das que buscam angariar recursos para as vítimas das guerras, das que incentivam a prática esportiva para os portadores de deficiências etc, independente da genuinidade ou não de tais iniciativas.

Outro aspecto a ser destacado sobre os campeonatos entre seleções diz respeito ao papel da nação como referente identitário. A seleção de Portugal, ao representar o país na “Euro 2008”, provocou certo tipo de exaltação da identidade nacional portuguesa. Tanto os torcedores como os jogadores foram envolvidos num discurso que resgatava a noção de ser portugueses. A seleção representava a nação e o seu povo, de maneira que o seu sucesso na competição implicava também o sucesso desses outros dois agentes. Nesse momento, a nação retoma parte da sua capacidade de atribuir sentido à vida dos indivíduos.

Mas a “Euro 2008” também foi um exemplo de outro tipo de relação dos indivíduos com a sua nação de origem nos tempos atuais. Representar a nação em competições internacionais sempre foi um dos maiores objetivos de boa parte dos atletas de futebol, mas, agora, a pretensão de participar de campeonatos internacionais, como a Copa do Mundo, faz com que eles busquem em outras seleções nacionais a chance de realizar tal objetivo. A dupla nacionalidade permite que determinados jogadores participem destas competições representando não mais a sua nação de origem, mas alguma outra em que eles tenham conseguido se naturalizar. O desejo individual de participar de um selecionado nacional sobrepõe-se à noção de pertencimento exclusivo à nação em que o atleta nasceu. Assim, a relação do indivíduo com um referente mais global/mundial – uma Copa do Mundo, por exemplo – contorna a barreira colocada pelas fronteiras nacionais.

Neste aspecto, a força do referente nação perde parcialmente a sua força, ao mesmo tempo em que o referente “campeonato mundial” fortalece-se. Isso

denota a importância que determinados conteúdos dispostos numa escala global/mundial possuem para a construção dos vínculos identitários nas escalas mais locais. Estas competições de grande visibilidade tornam-se espaços difusores de discursos, ideologias, referências, estilos, ações, produtos, entre uma série de outros elementos que produziram interações com as identidades locais.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. 2ª Ed. Lisboa: Edições 70, 1991.
- AUGÉ, M. **Por uma antropologia dos mundos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1997.
- _____. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 4ª ed. Campinas: Papirus, 2004.
- CONMEBOL. Disponível em: <<http://www.conmebol.com>>. Acesso em: 02 jun. 2008.
- DAOLIO, J. VELOZO E. L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**, 11(1): 9-16, 2008.
- GASTALDO, E. A pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: Gastaldo E, Guedes SL (2006). **Nações em campo**: copa do mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GLOBO ESPORTE. **Atacante Podolski é excomungado por fazer gols contra Polônia na Eurocopa**. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL596898-15699,00-ATACANTE+PODOLSKI+E+EXCOMUNGADO+POR+FAZER+GOLS+CONTRA+POLONIA+NA+EUROCOPA.html> >. Acesso em: 20 ago, 2008.
- GUEDES, S. L. Os “europeus” do futebol brasileiro ou como a “pátria de chuteiras” enfrenta a ameaça do mercado. In: Gastaldo, E.; Guedes S. L. **Nações em campo**: copa do mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.
- GUIMARÃES, M. E. A. Globalização: corpo como campo de batalha. In: Bueno ML, Castro AL (2005). **Corpo, território da cultura**. São Paulo: Annablume, 2005.
- IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- _____. **Globalização e o retorno da questão nacional**. Primeira versão, IFCH/UNICAMP, n. 90, Junho, 2000.

_____. **A sociedade global**. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. 2ª ed. São Paulo: Olho D'água, 1999.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico internacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

UEFA EURO 2008. **Eliminatória discutida nos detalhes**. Disponível em: <<http://pt.uefa.com/uefaeuro/news/newsid=719475.html>>. Acesso em: 29 jun, 2008a.

_____. **Podolski não esquece as raízes**. Disponível em: <<http://pt.uefa.com/uefaeuro/news/newsid=710055.html>>. Acesso em: 29 jun, 2008b.

_____. **Espanha com apoio real**. Disponível em: <<http://pt.euro2008.uefa.com/news/kind=1/newsid=727800.html#espanha+apoio+real>>. Acesso em: 29 jun, 2008c.

_____. **Passadeira vermelha em Viena**. Disponível em: <<http://www1.pt.uefa.com/countries/cities/city=3088/news/newsid=728955.html#passadeira+vermelha+viena>>. Acesso em: 29 jun, 2008d.

_____. **EURO cumpre meta ambiental**. Disponível em: <<http://pt.euro2008.uefa.com/news/kind=1/newsid=729993.html#euro+cumpre+meta+ambiental>>. Acesso em: 29 jun, 2008e.

_____. **Ronaldo marca pela Cruz Vermelha**. Disponível em: <<http://pt.euro2008.uefa.com/countries/organisation/socialproject/kind=4/newsid=71>>. Acesso em: 29 jun, 2008f.